

ELOGIO AO PATRONO MARIANO COELHO

(Discurso pronunciado pelo Acadêmico Genivaldo Barros em 03/08/1993 no Instituto Histórico e Geográfico do RN em Sessão Solene, essas informações ficarão a critério da forma que serão apresentados os demais discursos)

As Academias, desde as suas origens mais remotas em Atenas, onde Platão pontificava, sempre foram ou procuraram ser, através dos tempos, um ajuntamento de pessoas que se destacavam em qualquer área de cultura, seja nas artes, letras ou ciências.

Entendo que a honraria de ser escolhido patrono de uma Cadeira Acadêmica, constitui a homenagem maior que se presta a quem em vida, teve mérito para merecê-la.

Pelo que será dito agora neste auditório, considero muito acertada e justa a minha escolha do nome de Mariano Coelho para Patrono da Cadeira número 9 da Academia de Medicina do Rio Grande do Norte, da qual sou fundador.

Para falar sobre Mariano, preciso começar desculpando-me porque tenho de fazer algumas referências pessoais.

Ainda criança, com 8 anos, perdi meu pai, Tristão Barros, e então seu amigo fraterno Mariano Coelho, foi o grande legado de amizade e humanidade que herdei. Assim, tornou-se ele meu orientador cuidadoso, e, depois que me fiz adolescente e adulto, consolidou-se uma amizade que muito influenciou na minha formação profissional e em outros traços de meu comportamento pela vida afora.

Com estas considerações iniciais, sinto-me capacitado a fazer nesta sucinta biografia, menos pelas credenciais estilísticas e mais pela convivência com o biografado, o que naturalmente me dá condições de falar com envaidecimento e também com comovido tom afetivo.

Mariano nasceu no Assú, no dia 9 de maio de 1899. Seu pai, baiano de Inhambupe, viera para o Rio Grande do Norte como telegrafista. A senhora sua mãe era dos Varela Barca, família norte-rio-grandense.

Depois do curso primário no Assú, Mariano estudou no Colégio Santa Luzia, em Mossoró, e fez os preparatórios finais no Colégio Santo Antônio, em Natal.

Com 18 anos submeteu-se a concurso público para os Correios e Telégrafos. Aprovado, foi nomeado auxiliar de Estação lotado em Pojuca, pequena cidade do interior da Bahia, onde logo começou a trabalhar, se tornando um exímio manipulador do alfabeto Morse. De Pojuca, conseguiu se transferir para a capital Salvador, onde teve oportunidade de realizar o grande sonho de sua vida, que era ingressar na Faculdade para se fazer médico.

Sua vida de estudante na Bahia não foi diferente dos demais estudantes pobres, tendo que acomodar seus expedientes no Telégrafo, plantões nos hospitais e as presenças em sala de aula.

A convivência social andou bem até porque sua exuberante verve e simpatia lhe abriram as portas para usufruir do carinho da tradicional hospitalidade baiana.

Concluiu o curso médico em 1924, defendendo uma tese obstétrica: “Síntese crítica das intervenções obstétricas na angústia pélvica”.

Embora tivesse oportunidade de ficar na Bahia como Assistente no Serviço do Professor Antônio Borja, preferiu voltar ao seu Estado onde viviam sua mãe viúva e irmãos.

MARIANO, O MÉDICO.

Currais Novos, a minha terra, teve a felicidade e o privilégio de ser escolhida pelo novo médico para se fixar, iniciando a sua vida profissional. Isso aconteceu em Novembro de 1925.

Convido aos presentes para que juntos, com um esforço de imaginação, retrocedamos no tempo para imaginar o que era a cidade naquela época: uma pequena urbe perdida no sertão do Seridó, com precária comunicação com Natal e ausência completa de qualquer serviço de saúde pública.

Foi nesse ambiente que Mariano abriu o consultório como se fosse um ambulatório para fazer tudo o que lhe aparecesse, inclusive pequenas cirurgias. Como bom parteiro que era, munido de um fórceps Tarnier, salvou muitas vidas, quase sempre nos sítios, em ambientes improvisados para as intervenções, às vezes com luz de lamparina.

Com esses méritos, em pouco tempo estava integrado ao meio, conquistando a confiança, o respeito e a amizade de toda a comunidade, estendendo o seu conceito por toda a região.

Pela sua experiência e conhecimentos, Mariano era, para os colegas de cidades vizinhas, uma espécie de consultor, sempre pronto pra trocar ideias sobre um caso clínico mais complicado que demandasse uma ajuda.

Mesmo só, sem a colaboração de equipes de saúde que não existiam, foi um entusiasta da medicina preventiva, pregando as vantagens das vacinas e tentando fazer educação sanitária.

Em meados da década de 40, o dinâmico pároco Monsenhor Paulo Herôncio, liderando obstinados companheiros, em Currais Novos, conseguiu fazer surgir na cidade, inicialmente, um arremedo de abrigo, que melhorando e crescendo, às custas de ingentes esforços, chegou a se transformar em um núcleo nosocomial formado pela Maternidade Ananília Regina e Hospital Padre João Maria. Ali Mariano, ao lado de Dr. Antônio Ozório Ramalho, médico da Inspetoria Federal de Obras contra as Secas (IFOCS) e Neófito Pinheiro Galvão, funcionário da Mina Brejuí, exerceram uma medicina mais qualificada com o apoio de exames complementares.

A partir de 1953, Mariano passou a contar com a parceria dedicada e competente do Dr. Celso Matias que, chegando recém-formado da Bahia, trazia o entusiasmo da juventude e atualização de uma medicina executada em meio universitário de destaque. Os dois, juntos, intercalavam afanosas horas de trabalho com grandes viradas noturnas, estudando em revistas atualizadas. Destaco as discussões de casos clínicos que eram publicados na revista argentina “El Dia Médico”.

O gosto de Mariano pelo trabalho médico era incomum. Quando eventualmente vinha a Natal, sempre arranjava tempo para visitar o velho Hospital Miguel Couto e a Maternidade Januário

Cicco, para discutir medicina ou relatar um caso raro que tivesse vivenciado em Currais Novos. Habitualmente eram seus interlocutores, os doutores: Onofre Lopes, José Tavares, Luís Antônio, Sérgio Guedes, Carlos Passos, Raul Fernandes, Clovis Sarinho, Manoel Vilar, Olavo Medeiros, Múcio Galvão, Milton Ribeiro Dantas e outros que nos antecederam na medicina do Rio Grande do Norte e que são aqui lembrados também para reverenciá-los.

Sempre que havia a chance de participar de alguma cirurgia, ele entrava em campo como ajudante dos cirurgiões, com grande prazer e realização.

Analisando Mariano, sob o aspecto psicossocial, concluo que ele tinha pouco apetite para as situações de liderança e uma pronunciada ojeriza às injunções de mando. Paradoxalmente, era sempre consultado sobre quase tudo. Decisões comunitárias não se tomavam sem a sua opinião. Foi oráculo paciente e conselheiro eficaz de muitos, geralmente mais velhos do que ele.

MARIANO, O PROFESSOR.

A alternativa da saída de Mariano de Currais Novos para Natal surgiu em 1955, quando Dr. Onofre Lopes, conhecedor do seu valor, convidou-o para ocupar a Segunda Cadeira de Clínica Médica da nossa recém-criada Faculdade de Medicina, posto que ele assumiu somente em 1960, considerando ser a sua disciplina ministrada no quinto ano do curso.

Lembro da sua indecisão entre escolher se deixava a cidade onde ele vivia há 35 anos, ao lado do povo ao qual ele tanto queria, ou se, vencendo a sua modéstia, enfrentaria uma nova perspectiva de vida, em meio médico mais adiantado e com responsabilidade de chefiar uma cátedra.

Para melhor entender o estado de espírito de Mariano quando decidiu a mudança, vou inserir nesta exposição palavras escritas por ele próprio. Foi em discurso lido em Currais Novos, depois que se mudara para Natal. Foi numa solenidade de inauguração de um Posto Médico que a municipalidade fez construir e homenageou-o com o seu nome. A uma certa altura do pronunciamento, Mariano disse: ***“... e a vida continua... continua para nós, continua para mim, nessa avançada idade que jamais pensaria atingir, até pelas excessivas atividades que desenvolvi, durante todos esse longos dias. Modesto e pobre depois de tanta luta, tenho a imensa riqueza da tranquilidade de uma vida feliz que decorre sem ambições, sem decepções e sem recalques. Perdoem-me a imodéstia de me proclamar um homem plenamente feliz. Estudante pobre, órfão de pai no primeiro ano do curso médico, pude, como obscuro telegrafista, conquistar a láurea maior da minha vida – ser médico. E quando supunha, com as resistências orgânicas desfalcadas, vir a perecer nas árduas tarefas das atividades clínicas, recebia imensa honra de ser convidado para figurar como professor fundador da Faculdade de Medicina do Rio Grande do Norte. Um esforço maior me foi assim determinado. Diz-me a consciência que envidei todas as minhas energias, para o desempenho da nova missão.”***

Estou certo de que nesse trecho do discurso de Mariano em Currais Novos, ele disse quase tudo de si. Faltou apenas aquilo que a sua modéstia o impediu de dizer: a consciência de que estava preparado para exercer a cátedra que lhe tinha sido destinada.

Em Natal, Mariano não alterou sua dedicação e nem o seu entusiasmo pela medicina. Como professor, foi ímpar e exemplo. Somou à sua longa experiência e tirocínio clínico um invulgar interesse pelo ensino, criando um ambiente de confiança e relacionamento entre os alunos e o mestre. Praticamente teve um lugar cativo de patrono ou homenageado em todas as turmas concludentes enquanto exerceu a cátedra. Tem no Hospital Universitário Onofre Lopes, um auditório com o seu nome, homenageando a sua memória.

MARIANO, O INTELLECTUAL.

A cultura de Mariano não se restringia aos conhecimentos médicos. Como contemporâneo que foi da influência francesa na nossa formação intelectual, ele era um humanista. Conhecia bem o latim e tinha intimidade com a literatura dos clássicos da língua portuguesa. Como cultor das letras, era membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, ocupando a cadeira Nº07, que tem como Patrono Ferreira Nobre e como primeiro ocupante fundador, o seu conterrâneo Desembargador Antônio Soares.

Era também membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e da Academia de Trovas, e participou do Conselho Estadual de Cultura, onde prestou grandes serviços ao colegiado.

Como bom assuense, o forte de Mariano era a poesia. FUMAÇA foi o seu livro de poemas publicado em 1970. Ali são mostrados cerca de 150 composições poéticas sob a forma de sonetos, acrósticos, baladas, vilancetes, rondós, provérbios e sentenças trovadas. Uma verdadeira miscelânea de modalidades e estilos poéticos.

Mas a obra literária de Mariano não se restringiu ao livro FUMAÇA. Com o dom que possuía para versejar, foi um exímio autor de quadras e glosas memoráveis, algumas filosóficas, outras pilhéricas que lhe chegavam em episódios jocosos ou anedóticos vividos no dia a dia do velho Hospital Miguel Couto. São rimas alegres, algumas picantes, sempre ricas em inteligência e humor. Grande parte desse acervo não publicado, nossos saudosos confrades Cleone Noronha e Ernani Rosado tiveram a feliz ideia de conservá-lo, o que de certo constitui importante material para ser preservado.

MARIANO, O POLÍTICO.

Por algum tempo Mariano se deixou envolver pela política partidária. Foi Prefeito de Currais Novos na Revolução de 30, e eleito Deputado Estadual em 1937. Em 1945, na chamada redemocratização, foi derrotado como candidato a Deputado Federal e depois eleito, duas vezes, Deputado Estadual.

No meu julgamento, Mariano não foi um político bem sucedido dentro daquele conceito de que o sucesso está em função das muitas vitórias que alcança. Acho que lhe faltava algumas ladinices para vencer na política, mesmo sendo um homem de muito espírito público. Era inteiramente destituído de qualquer malícia política. Tinha muito boa fé e era muito solidário.

MARIANO, O CIDADÃO.

Embora casado duas vezes, a primeira em 12 de Novembro de 1925, com a senhora Rosita de Souza Coelho, de família baiana, de quem enviuvou em 1935 e, posteriormente, contraindo segundas núpcias com Maria de Lourdes Varela Coelho, sua prima, em 1940, Mariano não deixou descendentes diretos. Mesmo assim assistiu a uma grande família que não se restringiu à sobrinha Judith, a quem criou como se fosse filha. Judith, em retribuição à adoção, brindou-o com inúmeros netos e até bisnetos que constituíram a sua alegria na senectude, já aposentado com o honroso título de Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Mariano foi uma pessoa brilhante que Deus pôs no mundo para ser simples, como pessoa simples viver e como pessoa simples chegar ao fim de seus dias.

Faleceu cristãmente na Casa de Saúde São Lucas no dia 9 de outubro de 1985. Teve assistência de seus familiares e inúmeros amigos que ainda hoje cultuam a sua memória e cultivam a sua saudade. Foi sepultado em Currais Novos, como sempre desejou, na terra que escolheu pra começar o seu sacerdócio de médico, fazendo o bem com uma medicina competente, dedicada e generosa.

Por outorga das Câmaras Municipais, Mariano era Cidadão Honorário das cidades de Currais Novos e Natal. A Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte reverenciou-o dando o seu nome ao Hospital Regional de Currais Novos.

Pelo seu desempenho como cidadão e como médico, Mariano é considerado por todos que o conheceram como um legítimo exemplo a ser seguido. Diria mais: seu comportamento ético consagrou-o como um modelo de deontologia médica.

Por tudo isto, repito o que disse no início desta homenagem.

Foi muito acertada e justa a minha escolha do seu nome para Patrono da Cadeira número 09 da nossa Academia de Medicina.

Agrada-me e até mesmo me envaidece estar ao lado dos senhores companheiros Acadêmicos, ocupando a Cadeira que tem Mariano Coelho como Patrono.